

JOHN LOCKE

ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO

Tradução, apresentação e notas:
Avelino da Rosa Oliveira
Gomercindo Ghiggi

Parte 11 — (§§ 134-146)¹

§. 134. O que todo cavalheiro (que minimamente se preocupe pela educação do filho) deseja para ele, além do patrimônio que lhe deixa, está contido (suponho) nestas quatro coisas: *virtude, sabedoria, boa criação e aprendizado*. Não me haverei de preocupar se, por vezes, alguns destes nomes não têm o mesmo significado ou se, na verdade, incluem-se mutuamente; é suficiente, para o propósito que tenho aqui, acompanhar o uso popular destas palavras, o qual presumo ser suficientemente claro para me fazer entender, e espero que não haja dificuldade para compreender o que quero dizer.

§. 135. Coloco a *virtude* como o primeiro e o mais necessário dos dons que um homem ou um cavalheiro possui como requisito indispensável para torná-lo valorizado e estimado pelos outros e aceitável ou tolerável por si próprio. Sem isto, penso que ele não será feliz neste nem no outro mundo.

§. 136. Como fundamento da virtude, há que cedo ser impressa em sua mente uma noção verdadeira de *Deus*, como ser supremo independente, autor e criador de todas as coisas, de quem recebemos todo o bem, que nos ama e nos dá todas as coisas. E, conseqüentemente, há que se lhe instilar amor e reverência por este ser supremo. É suficiente começar com isto, sem explicar mais além a questão. É de se temer que, falando-se-lhe muito precocemente sobre o espírito e sendo-se extemporâneo, a fim de fazê-lo

¹ A publicação da tradução foi iniciada na edição n.13, 1999. (N. T.)

compreender a natureza incompreensível deste ser infinito, sua cabeça seja, no mínimo, preenchida ou confundida com noções de Deus falsas ou incompreensíveis. Cuidai apenas que lhe seja dito, de quando em quando, que *Deus* fez e governa todas as coisas, ouve e vê tudo e faz toda sorte de bem àqueles que o amam e lhe obedecem. Constatareis que lhe sendo falado de um tal *Deus*, outros pensamentos sobre ele rapidamente tenderão a brotar-lhe na mente; se observardes que contêm quaisquer erros, deveis corrigi-los. Ademais, penso que seria melhor se os homens em geral permanecessem com uma idéia assim de *Deus*, sem se tornarem demasiado curiosos em suas noções sobre um ser que todos devem reconhecer como incompreensível. Em razão disto, muitas pessoas que não têm o pensamento com vigor e clareza para distinguir entre o que podem e o que não podem conhecer, precipitam-se na superstição e no ateísmo, assemelhando *Deus* a si próprios ou, por não mais serem capazes de compreender, não o admitindo em absoluto. Outros-sim, inclino-me a pensar que empregar os filhos regularmente, pela manhã e à noite, em atos de devoção a Deus, como seu criador, provedor e benfeitor, sob alguma forma de oração simples e breve, adequada a sua idade e capacidade, ser-lhes-á de muito mais serventia, na religião, no conhecimento e na virtude, do que distrair seus pensamentos com investigações curiosas sobre sua essência e seu ser inescrutáveis.

§. 137. Quando, através de passos imperceptíveis e à medida que o julgueis apto, tiverdes estabelecido em sua mente uma tal idéia de Deus e o ensinado a rezar para ele e a *glorificá-lo* como o autor do seu ser, bem como de todo o bem que pratica ou pode gozar, evitai quaisquer comentários sobre outros espíritos, até que o interesse por tal investigação lhe seja despertado pelo aparecimento do assunto em seu caminho, em circunstâncias que consideraremos a seguir, ou pela leitura das Escrituras.

§. 138. Mesmo depois disto, e sempre enquanto ele for jovem, cuidai de preservar sua mente sensível de todas as impressões e noções de *espíritos* e *fantasmas*, ou de quaisquer outras apreensões atemorizadoras da noite. A este perigo ele será exposto pela inconveniência da criadagem, cujo método habitual é assustar as crianças e mantê-las submissas, falando-lhes de *caveiras*, *esqueletos sangrentos*² e outros que tais, que trazem consigo a idéia de algo terrível e infesto, que elas têm razão de temer quando sozinhas, especialmente à noite. Isto deve ser cuidadosamente evitado, pois ainda que desta forma tola possam impedi-las de cometer pequenas faltas, o remédio é bem pior do que a doença e lhes grava na imaginação idéias que as acompa-

² Os termos aqui utilizados por Locke para designar estas aparições (Raw-Head e Bloody Bones) são os nomes de manifestações culturais inglesas de então, para os quais não há termo correspondente em língua portuguesa. (N. T.)

nam com terror e medo. Tais *assombrações*, uma vez implantadas nas tenras mentes das crianças e imprimindo-se nelas fortemente através do pavor que acompanha tais aparições, arraigam-se profundamente e fixam-se de tal modo que será muito difícil, senão impossível, retirá-las novamente. Enquanto lá estiverem, assombrá-las-ão freqüentemente com visões estranhas tornando as crianças, quando sozinhas, assustadiças e temerosas do escuro e da própria sombra pelo resto de suas vidas. Eu mesmo ouvi queixas de homens que foram acostumados assim quando jovens. Embora a razão lhes tenha corrigido a idéia errônea que então formaram, e se tenham convencido de que não havia motivo para terem maior temor de seres invisíveis no escuro do que sob a luz, ainda assim, tais noções, a todo momento, tendiam a reaparecer em sua imaginação pré-possuída e não podiam ser removidas sem sofrimento. E, para que vejais quão persistentes são as imagens pavorosas que cedo tomam conta da mente, contar-vos-ei uma história extraordinária, porém verdadeira. Havia numa cidade do oeste um homem de cérebro perturbado de quem os meninos costumavam caçoar quando o encontravam. Um dia, vendo na rua um daqueles rapazes que costumavam ridicularizá-lo, entrou em uma *cutelaria* vizinha e, ali, apoderando-se de uma espada, avançou sobre o menino que, vendo-o aproximar-se armado, botou o pé no mundo e correu para salvar-se. Por sorte, teve forças e pernas suficientes para alcançar a casa do pai, antes que o louco pudesse alcançá-lo. A porta estava fechada apenas com o trinco e, quando o menino pôs a mão nele, voltou a cabeça para ver a que distância se encontrava seu perseguidor, o qual achava-se ao portal, com a espada erguida e pronto para golpear. Ele mal teve tempo de entrar e bater a porta para evitar o ataque, do qual seu corpo escapou, mas não sua mente. Esta idéia assustadora causou ali uma impressão tão profunda que perdurou por muitos anos, senão pelo resto de sua vida. Quando já era homem, contando esta história, ele dizia que, daquele dia em diante, não se lembra de jamais ter entrado por aquela porta sem olhar para trás. Mesmo que tivesse preocupações maiores ou menores em sua cabeça, antes de entrar, pensava naquele louco.

Se as crianças fossem deixadas por si, não teriam mais medo de estar no escuro do que ao sol. Elas os acolheriam igualmente, cada um a seu tempo: o primeiro para dormir, assim como o outro para brincar. Não haveriam de fazer distinção, falando de *coisas terríveis* ou de maiores perigos em um do que em outro. Entretanto, se a tolice daqueles que a cercam há de causar-lhes este mal, e fazê-las pensar que há alguma diferença entre estar no escuro e fechar os olhos, deveis extirpá-lo de suas mentes tão logo possais e ensinar-lhes que Deus, que criou todas as coisas boas para elas, criou a noite para que possam dormir melhor e com mais tranqüilidade e que, estando sob sua

proteção, não há coisa alguma no escuro que lhes possa fazer mal. O que mais há a saber sobre Deus e os espíritos benfazejos deve ser postergado para o momento que haveremos de mencionar a seguir; quanto aos espíritos malignos, será um bem se puderdes preservá-las de falsas imaginações sobre eles, até que estejam maduras para este tipo de conhecimento.

§. 139. Estabelecidos os fundamentos da virtude sobre uma noção verdadeira de Deus, tal como sabiamente ensina o credo, adequada à capacidade de sua idade e acostumando-o a rezar, a próxima coisa a ser cuidada é de que ele fale estritamente a *verdade* e que seja estimulado, através de todas as formas imagináveis, a ser *bondoso*. Ensinaí-o que vinte erros são antes perdoados a *faltar à verdade* para encobrir qualquer deles *através de uma desculpa*. E cedo ensiná-lo a amar e ser *bondoso* para com os outros é cedo estabelecer os verdadeiros fundamentos de um homem honesto. Toda a injustiça geralmente provém de um amor exagerado a si próprio e muito pequeno em relação aos outros.

É apenas isto o que devo dizer desta questão em geral e é o suficiente para estabelecer os fundamentos da virtude de um filho. À medida que cresce, é necessário observar a tendência de sua inclinação natural. E conforme ela incliná-lo mais do que o conveniente para um ou outro lado do caminho reto da virtude, devem ser aplicados os remédios adequados, pois poucos dos filhos de *Adão* são tão favorecidos a ponto de nascerem sem qualquer desvirtuamento em seu temperamento natural, o que é tarefa da educação remover ou equilibrar. Entretanto, adentrar as particularidades deste assunto estaria além do desígnio deste breve tratado de educação. Não faço tenção de discorrer sobre todas as virtudes e vícios, nem sobre como se há de alcançar cada virtude ou como cada vício em particular há de ser curado por remédios próprios, embora tenha mencionado alguns dos defeitos mais comuns e os métodos a serem empregados em sua correção.

§. 140. Tomo a *sabedoria* no sentido popular de um homem conduzir habilmente e com prudência os seus assuntos (Business) neste mundo. Ela é o produto de um temperamento naturalmente bom e da aplicação conjunta da mente e da experiência. Assim, está acima do alcance das crianças. O máximo que pode ser feito para direcioná-las a ela é impedir, tanto quanto possível, que usem de *astúcia*. Sendo esta a imitação (the Ape) da sabedoria, é o que há de mais distante dela, do mesmo modo que um macaco (an Ape), pela semelhança que tem em relação ao homem, e carecendo do que realmente torná-lo-ia tal, é ainda mais feio. A *astúcia* é tão-somente a carência de entendimento; não podendo alcançar seu fim por caminhos diretos, o faz através de truques e subterfúgios. E o mal é que um truque *astuto* não é útil senão uma única vez, e prejudicial daí em diante. Jamais foi criado um disfarce tão

grande, ou tão sutil, a ponto de esconder a si mesmo. Ninguém foi jamais tão *astuto* a ponto de esconder sê-lo. E uma vez descobertos, todos envergonham-se e descrêem dos homens *ardilosos*; todos se unem com entusiasmo para combatê-los e vencê-los, enquanto o homem franco, justo e sábio conta com todos a abrirem-lhe caminhos, e vai diretamente a seu objetivo (Business). Acostumar a criança a ter noções exatas das coisas e não se satisfazer até que as tenha, elevar sua mente a pensamentos grandes e nobres, bem como conservá-la distante da falsidade e da astúcia, que sempre tem uma farta mistura de falsidade, é a preparação mais adequada da criança para a *sabedoria*. O restante, que é para ser aprendido com o tempo, a experiência, a observação e a familiaridade com os homens, seus temperamentos e desígnios, não se pode esperar durante a ignorância e a inexperiência da infância, nem mesmo no calor irrefletido e na imprudência da juventude. Só o que pode ser feito para isso durante esta idade imatura é, como já disse, habituá-la à verdade e à sinceridade, à submissão à razão e, tanto quanto possível, à reflexão sobre suas próprias ações.

§. 141. A próxima boa qualidade que convém a um cavalheiro é a *boa criação*. Há dois tipos de *malcriadez*: um, a *timidez tendente a humilhação*; outro, a *negligência e o desrespeito inconvenientes*. Ambos são evitados pela observância constante desta única regra: *não julgar depreciativamente a si próprio ou aos outros*.

§. 142. A primeira parte desta regra não pode ser entendida em oposição à humildade, mas à autoconfiança excessiva. Não devemos fazer julgamento tão elevado de nós mesmos, a ponto de nos colocarmos acima de nosso próprio valor e de assumirmos preferência diante dos outros, em virtude de qualquer vantagem que possamos imaginar ter sobre os demais, mas aceitar com humildade o que for oferecido quando tivermos mérito. Devemos, entretanto, julgar tão bem a nós próprios, de modo que desempenhemos, com compostura e desembaraço, as ações de que nos incumbem e que de nós são esperadas, na presença de quem quer que estejamos, mantendo o respeito e a distância devidos ao nível e à condição de cada um. Há, freqüentemente, nas pessoas, especialmente nas crianças, uma timidez boba perante estranhos ou superiores. Ficam confusas em seus pensamentos, palavras e atitudes; perdem-se nesta confusão, tornando-se incapazes de fazer qualquer coisa ou, pelo menos, de fazer com a liberdade e a graça que agrada e as torna aceitáveis. O único remédio para este defeito, assim como para qualquer outro, é, pelo costume, introduzir o hábito contrário. Entretanto, uma vez que não nos podemos acostumar a conviver (converse) com estranhos e com pessoas de qualidade sem estar em sua companhia, nada pode curar esta parte da *malcriadez* senão a mudança e a variedade de companhias e de pessoas que estejam acima de nós.

§. 143. Enquanto o defeito precedente consiste numa preocupação exagerada quanto à maneira de nos comportarmos em relação aos outros, a outra parte da *malcriadez* repousa em demonstrarmos muito *pouco cuidado* em agradar ou *demonstrar respeito* por aqueles com quem nos relacionamos. Para evitá-la, estas duas coisas são indispensáveis: primeiro, disposição da mente para não ofender outrem; segundo, o modo mais aceitável e agradável de expressar esta disposição. Pela primeira, os homens são chamados *civis*; pela outra, *cordiais*. A última mencionada é aquela decência e graça no olhar, na voz, nas palavras, nos movimentos, nos gestos e em todas as atitudes exteriores que cativa as companhias e torna descontraídos e satisfeitos aqueles com quem convivemos (converse); é, por assim dizer, a linguagem através da qual se expressa a civilidade interior da mente e que, assim como outras linguagens, sendo governada principalmente pela praxe e pelo costume de cada país, deve, no que diz respeito a suas regras e práticas, ser aprendida mormente pela observação do comportamento daqueles que são considerados realmente *bem-criados*. A outra parte, aquela que diz respeito à mente, é a boa vontade e a atenção em geral, com relação a todas as pessoas, que faz com que se tenha o cuidado de não demonstrar no comportamento qualquer menoscabo, desrespeito ou negligência para com elas, mas de expressar, de acordo com os usos e costumes do país, o respeito e a consideração adequados a seu nível e condição. É uma disposição da mente que se manifesta em comportamentos através dos quais o homem evita colocar os outros em situação embaraçosa.

Apontarei quatro características que são as mais diretamente opostas à primeira e mais cativante de todas as virtudes sociais. A incivilidade normalmente deriva de alguma destas quatro. Expô-las-ei a fim que as crianças possam ser preservadas ou recuperadas de sua influência molesta.

1. A primeira é a *grosseria* natural, que faz o homem incomplacente para com os demais, de modo que ele não tem qualquer deferência por suas inclinações, temperamento ou condições. A característica inequívoca de um bufão é não importar-se com o que agrada ou desagrade àqueles com quem está. Ainda assim, pode-se encontrar com frequência homens de finas vestes que dão vazão a seu próprio humor e permitem-se atropelar e desbançar quem quer que esteja em seu caminho, com uma perfeita indiferença pelo feito que isto produza. Este é um tipo de brutalidade que todos observam e repudiam e com a qual ninguém pode ser condescendente, não tendo lugar, portanto, em quem quer que deseje passar por ter um mínimo de tinturas de *boa criação*, uma vez que o compromisso e o verdadeiro fim da *boa criação* é flexibilizar a rigidez natural e, deste modo, suavizar o temperamento dos

homens, a fim de que possam moldar-se à concórdia e adaptarem-se àqueles com quem se relacionam.

2. O menosprezo, ou falta do devido respeito, que se revela nos olhares, nas palavras ou nos gestos, independentemente de quem provenha, traz sempre consigo o desconforto, pois ninguém pode suportar satisfeito o fato de ser desconsiderado.

3. O *espírito de censura* e a disposição de encontrar defeitos nos outros está em direta oposição à *civilidade*. Não agrada aos homens, sejam ou não culpáveis, ter suas faltas expostas, colocadas à vista e à luz do dia, ante seus próprios olhos e os de outrem. As máculas apostas a qualquer pessoa carregam sempre vergonha consigo e o desvelamento ou a simples imputação de qualquer defeito não é suportado sem desconforto. O *sarcasmo* é o modo mais refinado de expor as faltas alheias; entretanto, em razão de ser usualmente levado a efeito com argúcia e linguagem elegante, bem como por proporcionar entretenimento ao grupo, as pessoas são levadas ao erro de pensar que não contém qualquer incivilidade, desde que se mantenha dentro de certos limites. Assim, a jocosidade deste tipo de relacionamento (Conversation) frequentemente o introduz entre as pessoas do mais alto nível, e tais trocistas são ouvidos com nução e geralmente são aclamados pelo riso daqueles que se põem a seu lado. Deveriam, no entanto, ter em conta que a diversão do restante do grupo se dá à custa daquele que é posto em evidência pelo quadro burlesco que pintam e que, portanto, vê-se em situação desconfortável, a menos que o motivo pelo qual é chacoteado seja, de fato, ensejo de distinção, pois, neste caso, visto que as imagens agradáveis e as representações em que consiste o *sarcasmo* proporcionam orgulho juntamente com a graça, a pessoa chacoteada também encontra seu quinhão e toma parte na diversão. Entretanto, como nem todos dispõem do talento para lidar com algo assim agradável mas delicado, em que qualquer escorregadela pode pôr tudo a perder, penso que especialmente os jovens, assim como todos que querem evitar provocar os outros, devem cuidadosamente abster-se do *sarcasmo*, pois este, através de qualquer pequeno equívoco ou desvio, pode deixar na mente daqueles que são colocados em desconforto a persistente lembrança de terem sido mordazmente ridicularizados, ainda que de maneira aguda, por alguma coisa que têm de censurável.

Além do sarcasmo, a *contradição* é um tipo de espírito de censura através do qual a malcriadez frequentemente se manifesta. A complacência não requer que sempre admitamos os argumentos e as relações com os quais o grupo se entretém, não, nem que deixemos passar sem nada dizer tudo o que chega aos nossos ouvidos. Opor-se às opiniões de outrem e retificar-lhes

os erros é o que por vezes requerem a verdade e a caridade, e ao que a civilidade não se opõe, desde que seja feito com a devida precaução e tendo em conta as circunstâncias. Há, no entanto, algumas pessoas, como se pode observar, possuídas, por assim dizer, pelo espírito de contradição, as quais, invariavelmente e sem preocuparem-se com o certo e o errado, opõem-se a alguém, ou talvez a todos do grupo, independentemente do que digam. Esta é uma forma de censura tão visível e descomedida que ninguém pode evitar considerar-se injuriado. Toda oposição ao que é dito por outro homem é de tal modo tendente a ser suspeito de *espírito de censura* e é tão raramente recebida sem alguma humilhação que deve ser feita do modo mais gentil e com as palavras mais suaves que possam ser encontradas; e nisto, assim como na conduta em geral, não deve ser expressa qualquer propensão a contrariar. Todos os sinais de respeito e de boa vontade devem acompanhar nossa oposição, a fim de que, enquanto ganhamos o argumento, não percamos a estima daqueles que nos ouvem.

4. O *espírito de contenda* é outra falta oposta à *civilidade*, não apenas por freqüentemente gerar expressões e comportamentos impróprios e provocativos, senão também por tratar-se de acusação e condenação tácitas de alguma incivilidade percebida naqueles com quem estamos zangados. Ninguém pode suportar sem desconforto tais suspeitas e intimidações. Ademais, um único indivíduo agastado transtorna o grupo inteiro e a harmonia cessa com uma perturbação assim.

Uma vez que a felicidade que todos os homens tão pertinazmente perseguem consiste no prazer, é fácil compreender porque os homens *civis* são mais aceitáveis que os úteis. A habilidade, a sinceridade e a boa intenção de um homem importante e de posses, ou de um amigo verdadeiro, raramente compensam o desconforto causado por suas condutas sólidas e graves. O poder, a riqueza e mesmo a própria virtude só são valorizadas se conduzem à felicidade. Deste modo, recomenda-se mal alguém que, ao buscar a felicidade de outro, causa-lhe desconforto pelo modo como lhe presta os serviços. O homem que sabe ser agradável com aqueles com quem convive (converses), sem rebaixar-se a uma adulação servil e inferior, encontrou a verdadeira arte de viver no mundo e ser bem acolhido e valorizado em todos os lugares. A *civilidade*, portanto, é o que se deve, em primeiro lugar e com muito cuidado, ser tornada habitual nas crianças e nos jovens.

§. 144 Há outro erro nas boas maneiras, que consiste no *excesso de cerimônia* e numa persistente obstinação em conceder a outro o que não lhe é devido e que ele não pode tomar para si sem alguma truanice ou vergonha. Tal atitude parece mais um desejo de expor o outro do que de tornar grato; ou, pelo menos, parece uma disputa por supremacia e, na melhor das hipóte-

ses, não deixa de ser inoportuna. Portanto, não pode ser parte da *boa criação*, a qual não tem outra utilidade ou finalidade que tornar as pessoas confortáveis e satisfeitas em sua convivência (conversation) conosco. Esta é uma falta em que poucos jovens tendem a recair; ainda assim, sempre que dela forem culpáveis ou suspeitos de se inclinarem em sua direção, é preciso adverti-los e acautelá-los contra esta *civilidade mal-entendida*. O que eles devem buscar e objetivar na convivência (Conversation) é demonstrar respeito, estima e boa vontade, concedendo a cada um a cerimônia comum e as atenções que por civilidade lhes cabem. Alcançar isto sem suspeita de adulação, dissimulação ou autodepreciação é uma grande habilidade que apenas o bom senso, a razão e as boas companhias podem ensinar; entretanto, é de tanta utilidade na vida civil que vale a pena o estudo.

§. 145. Embora o conduzir-se adequadamente nesta parte do nosso comportamento tenha o nome de boa criação, como resultado próprio da educação, ainda assim, como já afirmei, os filhos pequenos não devem ser muito atormentados neste aspecto; refiro-me ao tirar o chapéu e fazer reverências de acordo com as convenções. Ensinai-os, se puderdes, a humildade e a terem boa índole e não carecerão deste tipo de modos. Não sendo a *civilidade*, na verdade, mais do que o cuidado de não demonstrar qualquer descaso ou menoscabo por qualquer um na convivência (Conversation), as formas mais consideradas e apreciadas de expressá-la já foram indicadas acima. No entanto, são tão peculiares e diferentes como a língua em cada país do mundo que, se considerado corretamente, as regras e os discursos proferidos aos filhos sobre esses modos são tão inúteis e impertinentes quanto seria dar ocasionalmente uma ou duas regras da língua *espanhola* a alguém que convive (converse) unicamente com *ingleses*. Não importa o quanto vos ocupeis com discursos sobre a *civilidade* para vosso filho – quais forem suas companhias, assim serão seus modos. Tomai um lavrador de vossa vizinhança, que jamais se tenha afastado de sua paróquia; proferi-lhe as palestras que vos aprouverem; logo ele se há de tornar, no palavreado e na conduta, um falso cortesão (Courtier), ou seja, em nenhum aspecto será mais polido do que aqueles com quem costuma conviver (converse). Portanto, não há outros cuidados a tomar, até que esteja em idade de ser confiado a um tutor, o qual não pode deixar de ser um homem de boa criação. E, com sinceridade, fosse minha mente falar livremente, diria que, se os filhos não fizerem coisa alguma por teimosia, orgulho ou má índole, não é um grande problema o modo como tiram o chapéu ou fazem a reverência. Se obtiverdes êxito em ensiná-los a amar e respeitar as demais pessoas, eles haverão, conforme a idade o exija, de encontrar os caminhos para externar estas expressões, de modo por todos aceitável, de acordo com os costumes a que foram habituados. Com

relação aos movimentos e à conduta corporal, conforme já foi dito, o professor de dança ensinar-lhes-á, no momento adequado, o que é mais conveniente. Até então, enquanto forem jovens, as pessoas não têm expectativa de que as crianças sejam muito minuciosas nestas cerimônias; a negligência é permitida nesta idade e fica-lhes bem, do mesmo modo como os complementos adaptam-se aos adultos. Ou, ao menos, se pessoas muito agradáveis³ considerarem isto uma falta, tenho certeza de que é uma falta que deve ser desprezada e deixada para que o tempo, o tutor e a convivência (conversation) a corrijam. Deste modo, penso que não vale a pena fazer vosso filho ser molestado ou censurado a este respeito. Entretanto, lá onde houver *orgulho* ou *má índole* a revelar-se em seu comportamento, deve ser persuadido e levado a envergonhar-se.

Embora as crianças, enquanto são pequenas, não devam ser muito confundidas com as regras e com a habilidade cerimonial da *criação*, há um tipo de descortesia que, se não for contida desde cedo, tem grande tendência a crescer junto com os jovens: trata-se da propensão a *interromper* as pessoas que estão falando e detê-las com alguma *contradição*. Talvez seja o costume de disputar e a reputação de talentoso e estudado, usualmente atribuída nestes casos – como se esta fosse a única evidência e padrão de conhecimento –, o que faz os jovens tão propensos a procurar ocasiões para corrigir os outros em suas falas e a não perder qualquer oportunidade de mostrar seus talentos. O fato é que encontro muitos escolares bastante censuráveis neste aspecto. Não pode haver grosseria maior do que *interromper* alguém no curso de sua fala, pois, se não for truanice impertinente responder a um homem antes de saber o que ele dirá, é uma declaração inequívoca de que estamos fartos de ouvi-lo falar, que não gostamos do que diz e que, por julgarmos isto inadequado para cativar a atenção do grupo, desejamos que dêem ouvidos a nós que temos algo que merece sua atenção. Isto demonstra um desrespeito muito grande e não pode deixar de ser considerado ofensivo. Ademais, é isto o que constantemente acompanha quase toda interrupção. Se a isto for acrescentado, como é habitual, a correção de qualquer erro ou a contradição do que tenha sido dito, será um indicativo de orgulho e auto-suficiência ainda maiores, pois, deste modo, erigimo-nos em professores e encarregamo-nos tanto de corrigir outrem em sua história quanto de mostrar os erros de seu juízo.

Não é que eu queira dizer que não deva haver diferenças de opiniões nem oposições no convívio (Conversation) e nas conversas dos homens. Isto seria retirar a maior vantagem da vida social e os progressos a serem con-

³ Nas duas versões manuscritas (1684 e 1685), anteriores à primeira edição publicada (1693), lê-se "very nice and not very wise People" ("pessoas muito agradáveis e não muito sensatas"). (N. T.)

quistados através de companhias esclarecidas; a luz que pode ser alcançada a partir das argumentações opostas de homens de capacidade, que mostram os diferentes lados das coisas, seus variados aspectos e probabilidades, seria absolutamente perdida se todos fossem obrigados a assentir e repetir o primeiro orador. Não é contra reconhecer o dissenso que argumento, mas contra a maneira de proceder. Os jovens devem ser ensinados a não adiantarem-se em *interpor* suas opiniões, a menos que solicitados ou quando os demais houverem concluído e estiverem em silêncio; mesmo então, somente através de perguntas, não de instruções. A asserção positiva e o ar magisterial devem ser evitados. Somente quando uma pausa geral de todo o grupo proporcionar oportunidade, poderão, modestamente, fazer suas perguntas como aprendizes.

Esta apropriada modéstia não obnubilará sua capacidade nem debilitará a força de sua razão; pelo contrário, reservará a atenção mais favorável e emprestará maiores vantagens ao que dizem. Um argumento pífio ou uma observação trivial apresentados desta maneira, com uma introdução polida, de deferência e respeito pelas opiniões dos outros, conferir-lhes-á maior crédito e estima do que a mais fina argúcia ou do que a mais profunda ciência manejadas de modo rude, insolente e rumoroso, o que sempre melindra os ouvintes e que faz formar uma má opinião do homem, ainda que ele se saia melhor no argumento.

Isto, portanto, deve ser reparado cuidadosamente nos jovens, interrompido no início, e o hábito oposto deve ser introduzido em todo seu convívio (Conversation). Isto é tanto mais necessário porque a impaciência por falar, as freqüentes *interrupções* nas discussões e os *debates ruidosos* são muito freqüentemente observáveis entre os adultos, mesmo nos que dentre nós têm posição elevada. Os *índios*, a quem chamamos bárbaros, observam decência e civilidade muito maiores no seu convívio (Conversation) e nas suas falas, concedendo cada um o devido silêncio na escuta, até que o outro tenha concluído; então, respondem com calma e sem barulho ou paixão. E, se não ocorre o mesmo nesta parte civilizada do mundo, devemos atribuir a culpa a uma negligência na educação, que ainda não reformou esta espécie de barbarismo que há entre nós. Julgai: não é um espetáculo divertido ver duas damas de qualidades, casualmente sentadas em lados opostos de uma sala e rodeadas por numerosa companhia, entrarem em uma disputa e tornarem-se tão arrebatadas a ponto de, no calor da controvérsia, avançarem pouco a pouco suas cadeiras, até ficarem, em pouco tempo, perto uma da outra, no meio da sala, onde, por um longo período, mantêm disputa tão feroz quanto dois galos de rinha, sem fazer caso ou sequer notar a presença do grupo, que não pode resistir, em absoluto, a rir? Ouvi isto de uma pessoa de qualidades,

que esteve presente a um desses combates e que não se omitiu de refletir sobre os acontecimentos a que o calor da *disputa* freqüentemente leva as pessoas; e, como este costume é tão freqüente, a educação deve ter o máximo cuidado. Não há ninguém que não condene isto nos outros, ainda que o desconsidere quanto a si próprio; e há muitos que o percebem em si e decidem combatê-lo mas, ainda assim, não conseguem livrar-se do costume molesto que a negligência em sua educação permitiu que se estabelecesse como hábito.

§. 146. O que foi dito acima, a respeito das *companhias*, se bem refletido, talvez pudesse oferecer-nos um panorama mais amplo que nos permitisse ver como a sua influência vai mais longe. Não acontece de apenas os modos de civilidade serem fixados pela *convivência* (*Conversation*). A marca das companhias penetra para além do exterior e, possivelmente, se fosse feita uma verdadeira estimativa da moralidade e das religiões do mundo, talvez descobríssemos que, mesmo aquelas opiniões e cerimoniais pelos quais morreriam, a maior parte da humanidade as recebeu mais através dos usos de seus países e da prática constante das pessoas ao seu redor, do que de qualquer convicção de sua razão. Menciono isto apenas para que saibais a importância que julgo terem as *companhias* para vosso filho, em todos os momentos de sua vida, e, portanto, o quanto devem ser avaliadas e providenciadas, em razão de operarem sobre ele com uma força maior do que tudo que podeis fazer.

Avelino da Rosa Oliveira e **Gomercindo Ghiggi** são professores de Filosofia da Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com vários trabalhos de parceria, publicaram, em co-autoria, "Locke e o conceito de disciplina ou os pressupostos da educação burguesa", em Cadernos de Educação, n.4 e o livro "O conceito de disciplina em John Locke", pela EDIPUCRS, em 1995. Ambos são mestres em Filosofia (PUCRS) e doutores em Educação (UFRGS). São integrantes do FEPráxis – Grupo de Pesquisa Filosofia, Educação e Práxis Social.

E-mails: avelino.oliveira@ufpel.edu.br - gghiggi@terra.com.br

Artigo recebido em março/2004